O CINISMO COMO LINGUAGEM DO MUNDO PARTIDO

O cinismo talvez seja a gramática mais fiel da nossa época. Não porque os indivíduos tenham se tornado, de repente, moralmente decadentes, mas porque a própria estrutura social exige essa atitude contraditória: reconhecer a ruína enquanto se trabalha para preservá-la; denunciar o absurdo enquanto se participa dele; lamentar a barbárie enquanto se oferece conteúdo novo para alimentá-la. Há um ponto específico da história contemporânea em que o cinismo deixa de ser uma pose, uma estética, um desvio de comportamento, e assume a condição de forma social, quase uma infraestrutura subjetiva que permite a continuidade da vida em meio à decomposição.

O cinismo é um modo de sobrevivência. A classe trabalhadora percebe que não controla mais as condições mínimas de existência; a esquerda institucional percebe que não governa nem a própria narrativa; o artista percebe que a própria imagem é consumida mais rapidamente do que o gesto de criação que a produziu. A sociedade inteira percebe que a promessa de futuro, que sustentou o século XX como horizonte, derreteu diante da privatização de tudo; inclusive da esperança. A sensação de impotência, quando prolongada demais, não produz revolta imediata. Primeiro, produz cinismo. As pessoas riem do que as destrói porque temem desabar caso levem as coisas a sério demais. Ironizam a política porque reconhecem, ainda que silenciosamente, que nenhuma força histórica consistente está disponível para disputar o destino coletivo. Ironizam a própria vida porque o cuidado consigo seria exigir um tipo de atenção que a economia da pressa não permite. Ironizam o trabalho porque não podem abandoná-lo. Ironizam o amor porque a racionalidade do desempenho também fez moradia ali. Ironizam a cultura porque sabem que, em algum grau, ela se tornou mercadoria de si mesma. O riso cínico do nosso tempo é aquele que evita o colapso.

A vida cotidiana oferece exemplos incessantes. A publicidade anticapitalista patrocinada por corporações multinacionais; o político que promete “mudar tudo isso que está aí” sentado justamente no trono que ele próprio critica; a esquerda que aponta a falência completa do Estado enquanto disputa, com fervor quase religioso, o direito de administrá-lo; o influencer que denuncia a lógica do algoritmo enquanto pede que os seguidores “ativem o sininho”. Cada uma dessas cenas participa de um circuito contraditório em que a crítica não é apenas absorvida pelo sistema, mas convertida em combustível para sua própria perpetuação. A cultura independente, o cinema, o rap, é um

laboratório privilegiado dessa dinâmica. O artista que se move no regime da precariedade estrutural, da informalidade, das gambiarras tecnológicas e da produção coletiva, encontra na ironia uma forma de lidar com o descompasso entre o que gostaria de produzir e o que o circuito permite circular. O problema é quando a ironia se transforma em identidade, quando o gesto crítico se converte em estilo, quando o incômodo real se estiliza em discurso, fazendo com que a própria indignação passe a ser consumida.

Nas batalhas de MCs, por exemplo, o cinismo aparece como mecanismo de defesa. Os jovens reconhecem o espetáculo e, ao mesmo tempo, o rejeitam; sabem que a batalha é arena de autopromoção, mas insistem em tratá-la como rito de iniciação; percebem que a vitória é menos importante que a visibilidade, mas fingem que a visibilidade é dano colateral da autenticidade. Por trás dessa dramaturgia, há um país incapaz de oferecer futuros sólidos. Quando o futuro é frágil, a consciência se retrai para não pensar demais, e o cinismo se torna bússola, sarcasmo, chantili emocional, máscara de guerra. O cinismo aparece também no Estado brasileiro, que é, por natureza, um aparato que admite seus limites enquanto os reafirma. Ele sabe que não é capaz de universalizar direitos, mas insiste em representar esse papel numa espécie de teatro democrático de longa duração. A justiça brasileira sabe que é seletiva, mas finge imparcialidade com o excesso de liturgia. A burguesia sabe que não tem projeto nacional, mas veste o traje falsamente patriótico sempre que precisa justificar privilégios. E o militarismo, sempre insinuante, sempre sedento por protagonismo político, sabe que fracassou diversas vezes na administração econômica do país, mas permanece repetindo, com a impassividade de uma instituição que não responde a ninguém: “somos os guardiões”.

Jair Bolsonaro é produto acabado desse cinismo. Não sua causa. Sua ascensão só é compreensível em um país que, historicamente, conviveu com elites que nunca acreditaram nos próprios discursos civilizatórios. A escravidão prolongada, a República como pacto oligárquico, a ditadura militar como projeto de reorganização burguesa, a Nova República como tentativa de conciliação impossível; tudo isso preparou o terreno para um tipo de liderança que diz abertamente o que sempre foi praticado silenciosamente. Bolsonaro é a confissão pública de um cinismo histórico. Mas o cinismo não é monopólio da direita. Ele atravessa a esquerda de forma permanente. Depois que a lógica neoliberal pulverizou as organizações de massa, fragmentou as identidades

coletivas, precarizou o trabalho, desindustrializou territórios inteiros e transformou a política em gestão de danos, a esquerda passou a operar em modo defensivo. Essa defensiva prolongada, ao invés de gerar autocrítica profunda, gerou uma espécie de pragmatismo melancólico. Os partidos sabem que as reformas estruturais estão fora do horizonte imediato, mas prometem transformação. Sabem que governar no capitalismo periférico é administrar escassez, mas anunciam abundância. Sabem que o Estado é máquina de reprodução do capital, mas o tratam como terreno neutro.

Esse descompasso entre discurso e realidade cria uma tensão que só pode ser resolvida subjetivamente através do cinismo. Militantes dizem "é o que dá para fazer"; dirigentes dizem "é isso ou o fascismo"; acadêmicos dizem "não há alternativa imediata". Ninguém acredita plenamente nessas frases, mas todos as repetem porque isso impede a angústia de tomar conta. O cinismo atua como analgésico histórico: dói menos repetir a ilusão do que encarar a derrota em profundidade. Na esfera cultural, o cinismo ganha feições ainda mais refinadas. Vivemos a era da hiper-consciência estética: todo mundo sabe o funcionamento das máquinas do espetáculo, todo mundo sabe como a indústria transforma tudo em mercadoria, todo mundo sabe que indignação virou conteúdo e que conteúdo virou capital simbólico. A crítica não morre por desconhecimento, morre por excesso de conhecimento. O sujeito compreende a engrenagem a ponto de naturalizá-la. Ser crítico se torna parte da performance. Denunciar a indústria vira uma forma de participação nela.

O cinema independente, que em outras décadas funcionou como zona de insurgência estética, assume hoje a forma de ilha tensa. Os realizadores sabem que dependem de editais, sabem que o circuito de festivais é também um mercado, sabem que a circulação limitada dos filmes reduz o impacto político, sabem que o público está fragmentado, sabem que a precarização destrói o tempo criativo, sabem que a política cultural é uma moeda de barganha partidária. Sabem — e, sabendo, continuam filmando e participando desse louco processo. Esse paradoxo, longe de fragilizá-los moralmente, revela a tensão profunda do nosso tempo: a contradição consciente como condição de produção.

A economia da atenção, por sua vez, é o ambiente ideal para o florescimento do cinismo sistêmico. O algoritmo não pede autenticidade, nem profundidade, mas constância e permanência desorganizando o sentido social da arte. A lógica digital produz

uma subjetividade acelerada, ansiosa, calculista, e, mesmo assim, os usuários seguem consumindo e produzindo conteúdos que os esvaziam. Todos sabem que estão presos ao mecanismo, mas ninguém se livra dele. O cinismo aparece aí como cumplicidade silenciosa: o pacto tácito de participar de algo que se reconhece como nocivo. Esse cinismo é reforçado por uma ideologia sentimental da autenticidade, que se tornou o bem mais escasso. Quando tudo é performance, a busca por "ser verdadeiro" vira mais uma performance. O rap, o cinema, a política e a vida cotidiana sofrem disso. A necessidade de parecer genuíno é tão intensa que produz uma padronização do genuíno. E o cinismo, como antídoto contra a vulnerabilidade, impede que gestos verdadeiros aflorem com a força transformadora que poderiam ter.

O cinismo é, assim, a subjetividade degradada de uma sociabilidade degradada, que surge da impossibilidade coletiva de sustentar coerência entre o que se deseja e o que se pode realizar. Quando as contradições sociais atingem determinado grau de acúmulo, a subjetividade se reorganiza para suportá-las. É isso que explica a ironia permanente, o humor defensivo, a falsa indiferença, a apatia disfarçada de maturidade política, o sarcasmo intelectualizado, a crítica que já nasce derrotada. O cinismo se infiltra também nas disputas simbólicas internas aos movimentos sociais. A esquerda identitária, por exemplo, realiza uma operação curiosa: transforma conflitos estruturais em performances morais. A luta contra o racismo, o machismo, a LGBTfobia (lutas absolutamente sérias e historicamente necessárias) passam a ser tratadas, em certos setores, como instrumentos de acumulação simbólica. Nesse cenário, o cinismo aparece na forma da indignação coreografada, da militância como atuação, do discurso radical que evita sistematicamente a questão das classes. O conflito real se dissolve num espetáculo de virtudes, e o cinismo se disfarça de compromisso ético.

Existe também o cinismo dos que rejeitam todas as causas, que ironizam tudo, que transformam todo gesto de humanidade em piada. Mas esse cinismo é só o sintoma mais explícito de uma ferida profunda: o esvaziamento do sentido. Quando o mundo social perde coerência, os indivíduos perdem o chão simbólico que sustentava a vida coletiva. E uma sociedade sem horizonte produz sujeitos sem fôlego. A arte, nesse cenário, pode recusar o cinismo, mas isso exige coragem. Exige vulnerabilidade, que hoje parece quase um crime. Exige lentidão, que hoje parece improdutivo. Exige rigor, que hoje parece elitista. Exige recorte materialista, que hoje parece antiquado. Exige dizer a verdade, que

hoje parece ingênuo. Exige colocar o corpo em risco, que hoje parece imprudente. O gesto artístico que rejeita o cinismo precisa enfrentar não apenas o mercado, mas a própria subjetividade corroída.

O cinismo se combate com clareza histórica. Ele não é essência humana, mas produto social; não é moda estética, ainda que se manifeste como tal. Ele é estratégia de autopreservação numa época de dissolução. Ele não é sinal de derrota moral, mas sintoma de derrota política. E longe de ser destino, ele é consequência de um mundo que estreitou os caminhos possíveis. O desafio é romper o pacto silencioso com a impotência. Romper a complacência com o absurdo. Reconectar subjetividade e história. Reabrir o campo das mediações. Reencontrar a crítica não como performance, mas como força social classista. Retornar ao real não para aceitá-lo, mas para transformá-lo. E isso exige a coisa mais rara do nosso tempo: coragem intelectual e rigor histórico. Enquanto a classe trabalhadora não recuperar sua capacidade de se organizar como sujeito histórico, enquanto a crítica não reencontrar seu lastro material, enquanto a arte não recuperar sua dimensão de desvelamento, enquanto a esquerda não abandonar o pragmatismo melancólico, enquanto a esperança não for reconstituída como projeto, o cinismo continuará sendo a sombra que cobre nossos gestos, discursos e afetos. Mas sombras só existem porque há luz.

O cinismo triunfa quando a sociedade desiste de si mesma. E é justamente por isso que ele pode (e deve) ser superado. Porque, apesar de tudo, ainda há lampejos de verdade no mundo partido: gestos de solidariedade que escapam ao cálculo, obras que rompem a superfície, vozes que insistem em dizer o que ninguém quer ouvir, artistas que filmam apesar da miséria, trabalhadores que lutam apesar da derrota, intelectuais que pensam apesar da solidão, sujeitos que não aceitam a anestesia. O cinismo é o sinal mais evidente de que a história está parada. A ruptura, quando vier, será o momento em que a história voltará a respirar. O cinismo, no sentido contemporâneo, é a disposição subjetiva que emerge quando a consciência reconhece a contradição estrutural da sociedade, mas continua agindo como se nada pudesse (ou devesse) ser transformado. Ele nasce desse descompasso entre o saber e o fazer: o sujeito sabe que o mundo está organizado contra ele, sabe que o Estado não cumpre aquilo que promete, sabe que a política virou espetáculo, sabe que o trabalho o explora, que a cultura está submetida ao algoritmo, que as lutas foram fragmentadas e que o horizonte histórico se estreitou. Ainda assim, segue reproduzindo todas essas engrenagens. O cinismo é, portanto, uma forma de lucidez

impotente, uma consciência que enxerga a verdade social, mas não encontra nem o caminho nem a força para intervir nela.

Essa postura não tem nada de libertária ou despretensiosa; ao contrário, é uma couraça psíquica própria das épocas de esgotamento histórico. O cinismo funciona como defesa: impede que a percepção do desastre se converta em desespero, transformando a angústia em ironia, o medo em sarcasmo, a insegurança em riso e a vida em farsa. Funciona também como anestesia: protege o sujeito do impacto emocional de admitir sua vulnerabilidade num mundo que exige autoconfiança permanente. E funciona, sobretudo, como ideologia: estabiliza a ordem social, porque uma população cínica critica, mas não rompe; denuncia, mas não organiza; ri, mas não se move. Diferente da figura clássica dos cínicos gregos, que usavam o escândalo e a nudez moral para revelar a hipocrisia da sociedade, o cinismo moderno é o avesso dessa tradição: ele sabe da hipocrisia e, mesmo assim, nela se acomoda. Torna-se cúmplice involuntário do que condena.

Arthur Moura